

#01

BOLETIM DO SUB-SECTOR
DOS/AS PSICÓLOGOS/AS DO
SECTOR INTELECTUAL DA
ORGANIZAÇÃO REGIONAL
DE LISBOA DO PCP

ZONA PROXIMAL

MARÇO DE 2025



Rafael Filipe

**O MATERIALISMO-DIALÉTICO
NA PSICOLOGIA**

**VALORIZAÇÃO E
DIGNIFICAÇÃO DOS
PSICÓLOGOS NA CARREIRA
DE TÉCNICO SUPERIOR DE
SAÚDE NO SNS**

**POR MELHORES CONDIÇÕES
LABORAIS PARA OS
PSICÓLOGOS**

Este boletim dirige-se a todos os interessados nos assuntos da Psicologia - em particular, os seus trabalhadores - que têm interesse em conhecer e aprofundar a reflexão do PCP sobre a Psicologia e a situação dos Psicólogos em Portugal. O título é uma homenagem explícita ao histórico conceito que Lev S. Vygotsky, nos albores da revolução soviética, cunhou de Zona de Desenvolvimento Proximal, de modo a descrever o processo pelo qual as pessoas tendem a superar o nível actual de desenvolvimento, em direcção a níveis potenciais, e que se constitui como uma das ideias pioneiras da aplicação do materialismo dialético à investigação em Psicologia. Esperamos que o "Zona Proximal", enquanto instrumento de aproximação dos Psicólogos comunistas aos trabalhadores da Psicologia e demais interessados, possa cumprir esse desígnio de ascensão a potenciais mais elevados de consciência e de unidade dos Psicólogos.

Contacto do sector: s.intelectual@dorl.pcp.pt

O MATERIALISMO-DIALÉTICO NA PSICOLOGIA

91 anos depois de “A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança” de L. S. Vygotsky

Realizou-se no passado dia 11 de Junho o primeiro Dia Internacional de Sensibilização para o Brincar, estabelecido pela Resolução de 25 de Março de 2024 da Assembleia Geral das Nações Unidas. A Assembleia da República Portuguesa associou-se a este dia por iniciativa do grupo parlamentar do PCP, com um voto de saudação à instituição desta data comemorativa, no âmbito das várias iniciativas políticas que o partido realizou em torno do Dia Mundial da Criança. Mas, mais extensamente, na reflexão interna e externa do partido – nomeadamente na proposta política acerca do brincar como um direito e actividade essencial ao desenvolvimento harmonioso.

A propósito, recordamos o texto clássico da psicologia soviética, A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança (*Igra e ieio rol v psikhitcheskom razvitii rebionka*), resultante da lição/ comunicação estenografada que Lev S. Vygotsky proferiu em 1933 no Instituto Gertsen de Pedagogia de Leningrado. Trata-se do principal trabalho de Vygotsky sobre o brincar, proferido já numa fase avançada do seu pensamento, e uma das primeiras e mais consistentes reflexões em psicologia sobre o tema, que continua a ressoar ao longo dos tempos nas discussões e investigação.

Apesar da sua importância, ou mesmo devido a ela, a lição de Vygotsky continua envolta num certo mistério. Para isso terá decerto contribuído o facto de só ter vindo à prensa postumamente, em *Os Problemas da Psicologia (Voprosy psilogii)*, de 1966, mais de 30 anos depois da comunicação original. No ano seguinte, surge a primeira tradução em inglês, no *Soviet Psychology* 5(3), 6–18.

A lição foi republicada em três coletâneas americanas durante a década de 70 do séc. XX, expressando um crescente interesse no ocidente pelo pensamento de Vygotsky. As duas primeiras – *Play: Its role in development and evolution* (org. Bruner, Jolly & Sylva, 1976), *Soviet Developmental Psychology: An anthology* (org. Cole, M., 1977) – apresentam traduções muito semelhantes à do *Soviet Psychology*. No entanto, a versão publicada na antologia

organizada por Cole atribui os créditos de tradução a Catherine Mulholland, que não sabemos se estará ou não envolvida nas traduções anteriores.

A última republicação é um caso particular, que merece toda a atenção. Incluída numa colectânea de trabalhos de Vygotsky – mais precisamente, no cap. 7 do famoso e clássico livro *Mind in Society: Development of Higher Psychological Processes* (1978), também organizado por Cole. Em primeiro lugar, devemos ter em conta que esta colectânea foi muito popular e serviu de fonte principal do pensamento de Vygotsky para muitas gerações de psicólogos no ocidente. Em segundo lugar, note-se que esta redação não sofre tanto dos tradicionais desafios de *tradução-traição*, mas sobretudo, configura um exemplo de reescrita, selecção, corte e repressão do documento original. É notavelmente mais curta (cerca de 3000 palavras a menos) que a tradução completa de Mulholland (com 8400 palavras) e do registo estenográfico em que se baseia. Curiosamente, o público português teve ainda acesso a uma tradução brasileira de *A Formação Social da Mente*, pela Martins Fontes, que no cap. 7, confunde brincar com brinquedo, adicionando ainda mais penumbra à comunicação original estenografada de Vygotsk.

Estamos, pois, perante exemplos grosseiros de uma grande liberdade de podar e reformular frases e palavras, pincelando e esculpindo conteúdos, facto que os organizadores da coletânea *Mind in Society* assinalam no prefácio em jeito de confissão envergonhada, recomendando o livro não deve ser lido como uma tradução, mas como edição *da qual omitimos as matérias aparentemente redundantes e à qual acrescentamos materiais que nos pareceram importantes no sentido de tornar mais claras as ideias de Vygotsky* – deixando no ar que, *ao mexer nos originais poderiam estar a distorcer a história* (sic). A este respeito [Van der Veer e Valsiner \(1994\)](#), na introdução ao *The Vygotsky Reader*, referem-se a este livro como *mistura tipo cocktail de várias ideias (de Vygotsky) para se adaptar ao público americano* (sic).

Em 2004, surgiu no *Psikhologia Razvitia Rebionka (Psicologia do Desenvolvimento Infantil)* uma transcrição da lição original que serviu de fonte de [tradução para o português por Zoia Prestes](#). Em 2016 é finalmente publicada no *International Research in Early Childhood Education* uma nova tradução em inglês, realizada por Nikolai Veresove e Myra Barrs, que tem por base a

lição original e realiza uma cuidada revisão das inconsistências da tradução de Mulholland (1977). Ambas as versões parecem corrigir aspectos relevantes do pensamento de Vygotsky no que concerne à concepção do *brincar* como actividade/acção e do desenvolvimento do *brincar* enquanto indissociável dos aspectos afectivos e emocionais, eles próprios motores do *brincar* e do desenvolvimento do pensamento.

Valsiner (1988), já havia alertado para o facto do interesse dos psicólogos da Europa e América do Norte pelo pensamento de Vygotsky ser paradoxal. Por um lado, alguns dos seus conceitos parecem muito populares. Por outro, são raras as análises e a compreensão do contexto histórico e epistemológico das suas ideias. Somos levados a crer que, em muitas circunstâncias, tal não acontece por acaso. Factores de natureza ideológica, alguns mais implícitos que outros, fazem com que o Vygotsky popularizado no ocidente corresponda a uma versão ora *retalhada*, ora *adornada*, conforme às teorias psicológicas e ideologias dominantes.

Bruno Ferreira

VALORIZAÇÃO E DIGNIFICAÇÃO DOS PSICÓLOGOS NA CARRÉIRA DE TÉCNICO SUPERIOR DE SAÚDE NO SNS

A degradação das condições de trabalho e de vida no nosso país afecta a generalidade dos trabalhadores, mas de forma particular os da Administração Pública. A situação actual dos Psicólogos no SNS apresenta inúmeras carências, decorrentes da inexistência de abertura de procedimentos concursais (para ingresso e progressão na carreira de Técnico Superior de Saúde) e dos baixos salários.

O acesso à Carreira de Técnico Superior de Saúde, com várias categorias, fez-se, durante vários anos, via estágio, sendo o título de Técnico Superior de Saúde atribuído pelo próprio SNS. Actualmente, o título de especialista em Psicologia Clínica e da Saúde atribuído pela Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP) é condição suficiente para que os Psicólogos com esta especialidade possam vir a integrar a Carreira de Técnicos Superiores de Saúde.

Acresce a situação dos Psicólogos na Carreira Geral de Técnico Superior (que desempenham funções na área da Psicologia Clínica e da Saúde) que, ao contrário da Carreira/Categoria não revista de corpos especiais de Técnico Superior de Saúde, é uma carreira sem requisitos especiais e na qual os vencimentos são mais baixos, sendo os profissionais contratados ao abrigo de contratos individuais de trabalho e em funções públicas por tempo indeterminado.

As regras de acesso à carreira impõem uma clara desigualdade salarial e de condições entre os Psicólogos com contrato individual de trabalho e os Psicólogos com contrato de trabalho em funções públicas em exercício em instituições hospitalares do SNS e hospitais EPE. Embora, na sequência da entrada em vigor do requisito de detenção da especialidade da OPP, muitos Técnicos Superiores tenham transitado para a Carreira de Técnico Superior de Saúde, nem todos o puderam fazer, subsistindo entraves a essa transição em muitas Unidades de Saúde.

Além disso, a estagnação na carreira dos Técnicos Superiores de Saúde, maioritariamente, na categoria de Assistente (na qual muitos permanecem) tem contribuído para um desânimo geral e um sentimento de injustiça face a outras carreiras, entretanto, já revistas em 2023 pelo anterior Governo. Muitos dos Psicólogos que trabalham há décadas no SNS, com uma remuneração quase idêntica aos Psicólogos que ingressam actualmente na carreira, têm optado por abandonar o SNS.

É, ainda, inadmissível que o último procedimento concursal nacional de admissão a estágio na área da Psicologia Clínica para ocupação de 40 postos de trabalho, aberto em 2018, fosse concluído em 2023, ou seja, 5 anos depois.

A presença dos Psicólogos no SNS é uma questão vital de Saúde Pública e de defesa do direito fundamental de acesso de todas as pessoas à Saúde. É urgente dignificar o exercício destes profissionais, combatendo a eternização de uma prática profissional especializada a baixo custo, bem como aumentar o número de Psicólogos no SNS, em particular, nos Cuidados de Saúde Primários. O Governo tem o dever de reconhecer que, para fortalecer o SNS, é necessário investir num serviço público de qualidade, com trabalhadores motivados e satisfeitos, com base na implementação de políticas públicas que garantam carreiras dignas, valorizadas, atrativas e com futuro profissional.

O PCP exige:

1. Que o acesso à carreira de Técnico Superior de Saúde seja prioridade do Governo, com revisão imediata da carreira de Técnico Superior de Saúde.
2. Que o trabalho dos Psicólogos tenha uma justa remuneração, com um aumento do salário, em 2025, não inferior a 15% e de pelo menos 150€.
3. Que sejam abertos procedimentos concursais para ingresso na carreira de Técnico Superior de Saúde .
4. Que os procedimentos concursais para a progressão na carreira tenham uma real preocupação nos trabalhadores e na sua valorização e que todo o tempo de serviço na carreira seja contabilizado para efeitos de progressão na categoria
5. Que todos os Psicólogos que ingressam na carreira de Técnico Superior de Saúde, sejam posicionados tendo em conta o seu percurso profissional anterior.

“VOZES PRÓXIMAS”

POR MELHORES CONDIÇÕES LABORAIS PARA OS PSICÓLOGOS

Desde a pandemia de COVID-19, temos assistido a um crescente reconhecimento do nosso trabalho na promoção da Saúde Mental, reflectindo-se numa maior procura por serviços de consulta e acompanhamento clínico, presenciais e online.

Mas o nosso trabalho vai muito além da intervenção clínica junto de pessoas com dificuldades emocionais, estendendo-se à

promoção de mudanças nos contextos onde as pessoas coexistem: nos locais de trabalho, nas escolas e noutras instituições de ensino, em unidades de Saúde, nas prisões, em estruturas residenciais para pessoas idosas e, entre outros, na comunidade, junto de pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social – por exemplo, junto de pessoas em situação de sem-abrigo e/ou migrantes, com problemas de adição e dependência de drogas, com deficiência ou, entre outras, que vivem com perturbação mental grave.

Somos mais de 30.000 Psicólogos em Portugal, mas as nossas condições de trabalho não reflectem o valor e o impacto do nosso contributo para a sociedade.

Se, por um lado, sabemos que temos um papel fundamental na construção de locais de trabalho mais saudáveis, na promoção da Saúde e na prevenção da doença em diferentes populações e, entre outros contributos, na construção de comunidades mais coesas e prósperas, por outro, não podemos aceitar as condições de trabalho a que continuamos sujeitos.

Muitos de nós enfrentam condições laborais adversas: desde Psicólogos Clínicos em regime de trabalho independente com rendimentos variáveis e horários de trabalho desregulados; aos Psicólogos da área Comunitária, cuja precariedade laboral se associa à obrigação de concorrer a financiamentos externos para manter projectos; aos Psicólogos das Escolas, muitos com contratos a termo sem garantias de continuidade; aos Psicólogos das Prisões e Cuidados de Saúde Primários que, tendo em conta a escassez de recursos e o volume de trabalho, procuram responder às necessidades das respectivas populações, muitas vezes, à custa da sua própria Saúde Mental; aos recém-formados em Psicologia que, sem garantias de futuro, procuram oportunidades de estágio profissional; até outros tantos Psicólogos que auferem um salário que não corresponde às suas habilitações e competências, que se situa no limiar da vida digna e, frequentemente, sem expectativas de progressão de carreira.

Perante esta realidade, não podemos ficar em silêncio. Somos uma classe profissional essencial para responder a muitos dos desafios da sociedade e, por isso, exigimos melhores condições laborais para todos os Psicólogos.

Pedro Fraústo